INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

**PERCEPÇÃO DO TRABALHO DOCENTE DURANTE A PANDEMIA DE COVID - 19: ESTUDO DE CASO EM UMA ESCOLA PÚBLICA SITUADA NA REGIÃO SUL DE MINAS GERAIS**

DANIELLE MANTOVANI ROSA

Varginha – MG

2022

DANIELLE MANTOVANI ROSA

**PERCEPÇÃO DO TRABALHO DOCENTE DURANTE A PANDEMIA DE COVID - 19: ESTUDO DE CASO EM UMA ESCOLA PÚBLICA SITUADA NA REGIÃO SUL DE MINAS GERAIS**

Trabalho de conclusão do Programa Integrado de Ensino, Pesquisa e Extensão – PIEPEX - do Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Economia da Universidade Federal de Alfenas – Campus Varginha. Orientadora: Professora Dra. Virgínia Donizete de Carvalho.

Varginha – MG

2022

**RESUMO**

O trabalho docente é considerado de extrema relevância para a sociedade, pois é a base da formação escolar e contribui para o desenvolvimento da população como um todo. Com a pandemia do Covid-19 e com a adoção do ensino remoto (criado em caráter emergencial) vieram à tona problemas que já eram evidentes pelo Brasil, como dificuldades no uso de tecnologia por parte de alunos e professores, despreparo para o ensino à distância, dentre outros fatores. O objetivo geral deste estudo é apresentar a percepção docente acerca das suas experiências atuais de trabalho, dado o cenário da pandemia. Para alcançar o objetivo proposto foram aplicados um formulário sociodemográfico e um questionário estruturado em uma escola pública da cidade de Varginha-MG. Os resultados indicam a falta de capacitação dos professores para o ensino remoto e a noção de que os discentes, muitas vezes, não dispõem de condições técnicas para estudar à distância, fora do ambiente escolar. Além disso, a maioria dos docentes pronunciou que tanto a sua experiência com o ensino remoto, quanto o aprendizado dos discentes e as estratégias institucionais foram regulares. Também é importante destacar que a absoluta maioria dos professores considerou que sua carga de trabalho foi elevada assim como os gastos com energia elétrica em seus domicílios. O Estado deveria prover os recursos necessários para facilitar o processo de aprendizagem remoto, o que não aconteceu. A educação sempre foi e continua sendo inquestionável para o desenvolvimento das pessoas e do próprio país. A pandemia serviu para evidenciar a desigualdade na distribuição de recursos, o pequeno investimento em educação e consequentemente a precariedade das condições de trabalho daqueles que atuam em escolas públicas.

**Palavras-Chave:** Trabalho docente; Pandemia; Ensino Remoto; Tecnologia; Educação.

**ABSTRACT**

The act of teaching is considered extremely relevant to society, as it contributes to its development. With the Covid-19 pandemic and the adoption of remote learning (created on an emergency basis), problems that were already evident in Brazil emerged, such as difficulties in the use of technology by students and teachers, unpreparedness for distance learning, among other factors. The general objective of this study is to present the teachers' perception about their current work experiences, given the pandemic scenario. To achieve the proposed objective, a sociodemographic form and a structured questionnaire were applied in a public school in the city of Varginha-MG. The results indicate the lack of teacher training for remote teaching, the notion that students often do not have the technical conditions to study at home, outside the school environment. In addition, most professors said that their experience with remote teaching, as well as student learning and institutional strategies were regular. It is also important to highlight that the absolute majority of teachers considered that their workload was high and their respective expenses with electricity at home. The State should provide the necessary resources to facilitate the remote learning process, which did not happen. Education has always been and continues to be unquestionable for the development of people and the country itself. The pandemic served to highlight the inequality in the distribution of resources, the small investment in education and consequently the precarious working conditions of those who work in public schools.

**Keywords:** Teaching work; Pandemic; Remote Teaching; Technology; Education.

**SUMÁRIO**

[**1 INTRODUÇÃO** 5](#_Toc89855071)

[**2 O TRABALHO DOCENTE NO BRASIL: DESAFIOS E PERSPECTIVAS** 6](#_Toc89855072)

[**3 REFLEXOS DA PANDEMIA NO TRABALHO DOCENTE** 10](#_Toc89855073)

[**4 MATERIAIS E MÉTODOS** 13](#_Toc89855074)

[**5 RESULTADOS E DISCUSSÕES** 14](#_Toc89855075)

[**6 CONSIDERAÇÕES FINAIS** 23](#_Toc89855076)

[**REFERÊNCIAS** 24](#_Toc89855077)

[**ANEXOS** 28](#_Toc89855078)

# **1 INTRODUÇÃO**

O trabalho docente representa um instrumento importante para a ascensão de todos os indivíduos que estão inseridos na sociedade. Este trabalho é o alicerce da formação escolar e tem o intuito de colaborar não somente para o desenvolvimento dos discentes, mas também para a evolução de toda a população, empregando a educação e o conhecimento como mecanismo para o processo de desenvolvimento (GONÇALVES; SILVEIRA; KIMURA, 2015).

Mesmo com toda a importância do trabalho docente na sociedade, ainda assim os professores têm muitos desafios a serem enfrentados. A multidimensionalidade de funções que muitas das vezes o docente precisa realizar acarreta uma sensação de desprofissionalização, desilusão e até abandono do trabalho, visto a grande carga de trabalho (OLIVEIRA, 2004). Normalmente, os docentes de escolas públicas além de suas funções de professor, desempenham ocupações de agente público, assistentes sociais, psicólogos, dentre outros funções (NORONHA, 2001). A precarização do trabalho docente é um aspecto de grande preocupação, pois não há um reconhecimento da população e do governo, ao contrário, o trabalho está atrelado às más condições, péssima remuneração, descaso de alguns alunos, dentre outras externalidades negativas (SILVA, 2019).

Com a pandemia do Covid-19 os problemas no trabalho docente do país ficaram ainda mais evidentes. Esse contexto pandêmico necessitou que os sistemas educacionais formulassem caminhos para o progresso do ensino remoto. Não existia nenhum planejamento das escolas públicas ou privadas para enfrentar a forma de ensino remota (OLIVEIRA; JUNIOR, 2021). As realizações das atividades desse ensino exigiram desafios para os docentes e discentes, como por exemplo, o conhecimento específico para o manuseio dos equipamentos tecnológicos (MELO, 2020). Nenhum profissional estava totalmente preparado para lidar com os desafios e dificuldades que o ensino remoto impôs (OLIVEIRA; JUNIOR, 2021).

O trabalho docente na pandemia demonstra ser um ensino exausto, preocupado e ansioso. Progride em meio à adversidade que o contexto pandêmico institui, diante de todas as dificuldades. A problemática da pesquisa reside na necessidade de se conhecer as percepções dos docentes sobre os impactos desse novo cenário para a atuação profissional. Desta maneira, o objetivo geral do estudo é conhecer as percepções dos docentes acerca das suas experiências atuais de trabalho, dado o cenário da pandemia.

Além desta seção introdutória, o presente trabalho está fundamentado na seguinte estrutura. A primeira seção evidencia a relação do trabalho docente no Brasil, apontando os principais desafios e perspectivas da docência. Em seguida, são apresentados os reflexos da pandemia na atuação do docente em meio a esse cenário. Na terceira seção, serão demonstrados os procedimentos metodológicos aplicados para o atingimento do objetivo principal do trabalho e, logo em seguida, serão apresentados os resultados. Por fim, serão apresentadas as considerações finais.

# **2 O TRABALHO DOCENTE NO BRASIL: DESAFIOS E PERSPECTIVAS**

A profissão docente é objeto de muitas pesquisas no Brasil, nas últimas décadas. A caracterização da imagem do professor ou da professora, muitas vezes, é representada como primordial para a ascensão da sociedade e dos indivíduos.

No que tange ao mercado de trabalho docente, o que se observa é que em conformidade com o processo de reestruturação produtiva o trabalho do professor se transforma, levando esse profissional a assumir um acúmulo de responsabilidades, de modo que, muitas vezes, os professores de escola pública também desempenham funções de agente público, de assistentes sociais, psicólogos, enfermeiros, dentre outras profissões (NORONHA, 2001). Essa visão multifacetada, muitas vezes, é responsável até mesmo contribuir para um sentimento de desprofissionalização, desilusão e abandono da profissão, dada tamanha carga laboral, emocional, física e mental (OLIVEIRA, 2004).

Alguns autores apontam até mesmo a ’uberização’ do trabalho docente no Brasil, evidenciando que no país como um todo é presente a figura dos ‘professores eventuais’, que não possuem vínculo empregatício com a instituição de ensino, muitas vezes não atua em sua área de formação, geralmente lecionam em situações de ausência do professor titular e não conseguem criar um vínculo com os estudantes e com a própria imagem de transformador de realidades (SILVA, 2019).

Essa precarização do trabalho docente é vista como preocupante, dado que ao invés de reconhecimento da sociedade e do governo, o que se vê é um caminho inverso, que remonta más condições de trabalho, remuneração insuficiente, desprezo dos estudantes e dos responsáveis, dentre outros problemas. Atrelada a isso, aponta-se que há falta de políticas públicas voltadas ao trabalho do professor, independente de qual etapa da educação ele atua.

Mesmo com avanços feitos por órgãos governamentais no Brasil no século XXI, como, por exemplo, FUNDEB (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação), que sofreu alteração ainda em 2020 e agora é considerado como uma política pública permanente para a educação no país; a atuação do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), que é uma autarquia federal executora de políticas educacionais elaboradas pelo Ministério da Educação (MEC); ainda assim é evidente que se carece de políticas publicadas voltadas efetivamente para melhorias no trabalho docente (SILVA, 2019).

André (2015) apresenta que o país ainda precisa de políticas públicas que consigam preencher lacunas em alguns aspectos primordiais ligados à profissão docente, tais como: maior valorização social; ambiente de trabalho dinâmico, com condições adequadas de trabalho, estrutura de remuneração apropriada e incentivos para a carreira docente; formação inicial e contínua de qualidade e avaliações constantes do trabalho exercido, para que sempre se almeje a excelência, em qualquer esfera da educação pública.

Nesse contexto, apresenta-se que uma política pública, que foi institucionalizada no governo do presidente Luís Inácio Lula da Silva, onde deveria ser efetivamente o papel do Estado como regulador e transformador da profissão docente perante a sociedade:

Segundo o Decreto nº 6.755, de 29 de janeiro de 2009 (BRASIL, 2009), que instituiu a Política Nacional de Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica, PARFOR, o evidencia: “a formação docente para todas as etapas da educação básica” é um “compromisso público de Estado” (BRASIL, 2009, Art. 2º, inciso I); “a formação dos profissionais do magistério” é um “compromisso com um projeto social, político e ético que contribua para a consolidação de uma nação soberana, democrática, justa, inclusiva e que promova a emancipação dos indivíduos e grupos sociais” (BRASIL, 2009, Art. 2º, inciso II) (EVANGELISTA, 2012, p.42-43).

A educação é um direito fundamental garantido para todos os brasileiros, como promulgado na Constituição Federal de 1988. Logo, isso significa a garantia institucional de que a profissão docente deve ser realizada com toda a excelência e importância a qual é devidamente merecida. Retomando a ideia de que os docentes no Brasil constroem sua própria imagem e são moldados pela sociedade em que atua, isso significa dizer que eles estão inseridos em um determinado momento histórico e em um determinado ambiente sociocultural, com configurações bem específicas, sejam elas de caráter econômico, políticas ou educacionais e que influenciam até mesmo na vontade de traçar uma carreira nessa área ou planejar os próximos passos de sua carreira (DURAN, 2010).

Uma simples análise dos recursos destinados à educação no Brasil nos últimos anos demonstra que o investimento público nessa área é cada vez menor. O gráfico 01 exibe a despesa líquida da união em recursos educacionais desde o ano de 2004.

Gráfico 01 – Despesa líquida da união com recursos educacionais no Brasil entre 2004 e 2020 (em bilhões de reais)

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do Tesouro Nacional.

É perceptível, no gráfico 01, a trajetória de gastos governamentais com a educação brasileira a partir de 2004. Essa trajetória de ascensão é vertiginosa, principalmente entre 2010 e 2015, momento em que a economia brasileira passa uma severa crise econômica e política, que culminou no impeachment da presidenta Dilma Rousseff. A partir de então, o congelamento de gastos do setor público e a mudança de prioridade nas políticas do governo de Jair Bolsonaro exibem uma trajetória de queda nos recursos educacionais, o que tende a promover condições de trabalho ainda piores para os docentes e queda na qualidade dos serviços oferecidos por instituições públicas de ensino.

Pode-se afirmar também que, a partir de uma ótica neoliberal de estado mínimo, recomendada por órgãos internacionais como o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional, a redução do orçamento para programas sociais é parte de uma orquestra que visa evitar o déficit fiscal dos governos e reduzir a atuação estatal em diferentes campos, na tentativa de delegar o funcionamento das esferas sociais ao mercado e ao capitalismo (ARAUJO; DILLIGENTI, 2019).

Assim, é possível afirmar que a partir de tais reformas, os professores vêm tendo seu trabalho ampliado sem que isso signifique melhorias ou maior valorização para sua carreira (MOURA et al, 2019, p.7). Logo, a reestruturação produtiva do trabalho docente apresenta um viés de piora das condições de trabalho e de perspectivas futuras para esses profissionais.

De fato, esse problema que agora se agrava, já vem de algum tempo, pois desde o início dos anos 2000 há registros de estudos que apontam que se exigem cargas de trabalho exaustivas dos professores. Nesse cenário, é necessário que os professores assumam cargas de trabalho cada vez maiores, interferindo, muitas vezes, na saúde mental e física deles, como apontou estudo de Gomes e Brito (2006, p. 51):

É exigido que os profissionais de educação ofereçam qualidade de ensino, dentro de um sistema de massa, ainda baseado na competitividade, entretanto, os recursos materiais e humanos são cada vez mais precarizados, têm baixos salários, há um aumento das funções das/os professoras/es, contribuindo para um esgotamento e uma contradição quanto à formação que é oferecida (GOMES; BRITO, 2006, p.51).

Já era mencionado também na literatura o trabalho nas instituições de ensino públicas ou privadas como de frequente adoecimento e afastamento desses profissionais, dadas a pressão existente dentro do meio acadêmico, a carga de trabalho, e a dificuldade de conciliar a vida profissional e a pessoal, levando até mesmo a postergação de planos devido ao trabalho acumulado. Já se mencionava ainda que os problemas e situações de mal-estar e adoecimentos de professores seriam mais frequentemente relacionados a transtornos mentais e comportamentais, a distúrbios da voz, doenças osteomusculares ou do tecido conjuntivo, que atingiam os docentes em qualquer nível, disciplinas curriculares ou momentos da carreira. (GASPARINI; BARRETO; ASSUNÇÃO, 2005).

Penteado (2019) aponta ser crescente o interesse e a importância de novos estudos sobre a problemática do mal-estar, do sofrimento e do adoecimento dos professores, seja no campo da educação ou mesmo no campo da saúde coletiva, sendo necessárias abordagens interdisciplinares que permitam o melhor entendimento do que causa tudo isso e que permita a busca por soluções urgentes.

Aliado a esse quadro, a situação da pandemia do COVID-19, que teve seu limiar em 2020, trouxe novos desafios ao trabalho docente e a educação em todos os seus níveis teve que se reinventar em tempos de *home-office* e isolamento social, com novas ferramentas de ensino à distância e novas limitações no processo de ensino-aprendizagem, como será tratado na próxima seção.

# **3 REFLEXOS DA PANDEMIA NO TRABALHO DOCENTE**

A Pandemia do Covid-19 impôs diversas transformações no cotidiano de todos os cidadãos do mundo. As medidas para conter o vírus como distanciamento/isolamento social impactaram diretamente muitos setores da economia e do contexto social, como por exemplo, as escolas de todo o país. Desta maneira, conforme Oliveira e Junior (2021), esse contexto necessitou que os sistemas educacionais criassem caminhos para o desenvolvimento do ensino remoto. O encerramento do ensino presencial nas escolas impactou milhões de alunos e a adoção do ensino remoto emergencial foi uma alternativa temporária, a qual tem sido uma estratégia para amenizar os efeitos da pandemia na aprendizagem dos alunos (BOZKURT; SHARMA, 2020).

Não havia nenhum planejamento das redes públicas ou privadas para lidar com essa forma de ensino (OLIVEIRA; JUNIOR, 2021). De acordo com Melo (2020), o ambiente presencial foi modificado e professores, diretores, alunos e pais tiveram que refletir suas práticas no contexto escolar. As realizações dessas atividades exigiram que os docentes e os estudantes possuíssem equipamentos tecnológicos e conhecimentos específicos para manuseá-los. As escolas públicas se esforçaram para disponibilizar um suporte educacional que fosse possível a aplicação das práticas remotas (OLIVEIRA; JUNIOR, 2021).

Essa circunstância causada pela situação pandêmica manifestou ainda mais os problemas educacionais existentes no território brasileiro. Como já mencionado, a maioria dos profissionais da educação estavam preparados para enfrentarem as dificuldades do ensino remoto (BEZERRA; VELOSO; RIBEIRO, 2021). É importante ressaltar que o ensino remoto emergencial é diferente da modalidade de Educação a Distância (EAD), uma vez que o EAD possui recursos e profissionais capacitados para oferecer temáticas e atividades, através de distintas plataformas digitais (HODGES, 2020).

Ressalta-se que as questões tecnológicas não são aspectos recentes e refletem de maneira direta no âmbito laboral e não se diferem no campo educacional. Os avanços na tecnologia geraram diversas transformações na sociedade da informação, afetando as relações conforme as diversas alternativas de interação, além da forma como é formulado e difundido o conhecimento científico (BEZERRA; VELOSO; RIBEIRO, 2021). Todavia, segundo Bezerra, Veloso e Ribeiro (2021), mesmo com o debate sobre as vantagens em que a tecnologia poderia acarretar no sistema, a pandemia mostrou que os docentes ainda têm grandes dificuldades, como exposto no ensino remoto.

A inclusão das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) nas escolas é uma dificuldade de território nacional. Problemas de infraestrutura, serviços básicos, qualificação e formação dos professores são características relevantes que atrapalham uma utilização das tecnologias. Leite e Ribeiro (2012), já pontuavam que a incorporação da TDIC no ambiente escolar poderia ser um relevante instrumento para o avanço do processo entre ensino e aprendizagem. Contudo, a falta de estrutura e de recursos tecnológicos na educação não beneficiaram as atividades pedagógicas na utilização das TDIC, ocasionando um grande obstáculo na efetivação das aulas remotas (BEZERRA; VELOSO; RIBEIRO, 2021).

Contudo, diversos estudos indicam que este momento do contexto escolar pode se transformar em algo positivo para a inovação da educação, uma vez que os docentes e alunos sairão diferentes após o período de aulas remotas. Deste modo, as TDIC podem ter um novo significado e ganhar um espaço relevante para a trajetória de ensino e aprendizagem em todas as camadas de ensino (RONDINI; PEDRO; DUARTE, 2020; MARTINS, 2020; BARRETO; ROCHA, 2020). Em todo esse contexto pandêmico, o debate central na área escolar sofreu grandes transformações.

Se antes os estudos sobre as condições de trabalho docente atribuíam um papel central à estrutura das escolas, agora, abre-se espaço para avaliar as condições de moradia e o acesso e utilização de recursos tecnológicos por professores e estudantes. Se antes a existência de laboratórios de informática nas escolas era uma demanda, hoje passa a ser item essencial a disponibilidade de computador com rede de internet adequada nas residências (OLIVEIRA; JUNIOR,, 2020, p. 723).

Diante deste cenário, a pesquisa nas universidades pode colaborar para o desenvolvimento de conhecimento sobre essa nova realidade de trabalho na educação. Estas pesquisas podem ser uma alternativa para aperfeiçoar as situações em que o ensino se desenvolve, contudo, é necessária uma afinidade com as decisões políticas. Nota-se que as pesquisas têm sido, progressivamente, utilizadas para conduzir as políticas públicas em geral, e no âmbito da educação em especial, sendo desenvolvidas na tentativa de procurar indícios que respondam determinadas opções políticas (OLIVEIRA; JUNIOR, 2020).

A lentidão e a ruptura das políticas públicas terminam proporcionando um atraso em vários segmentos, até mesmo a educação. Por exemplo, no âmbito das TDIC, um dos principais obstáculos para o uso destas tecnologias é a escassez de conhecimento e domínio por parte dos docentes (LEITE; RIBEIRO, 2012). A deficiência de conhecimento das tecnologias poderia ser amenizada, caso tivessem políticas públicas que visassem promover a capacitação dos professores.

As medidas educacionais, como, por exemplo, a formação curricular dos professores, podem ser vistas como uma alternativa para algumas das dificuldades enfrentadas, para que assim possa atingir uma maior qualidade e modificações relevantes no método de ensino (BEZERRA; VELOSO; RIBEIRO, 2020). As esferas políticas, porém, enxergam os docentes “como um grupo fundamental para difundir determinada ideologia, com uma função de submissão e dependência aos poderes estabelecidos, assim tentam controlar a educação das pessoas porque ela é importante para ver e analisar a realidade social” (IMBERNÓN, 2016, p.39).

Todas as circunstâncias mencionadas, que ficaram evidenciadas na pandemia, como: problema de infraestrutura, qualificação e formação dos professores, conhecimento em tecnologias e falta de serviços básicos afetaram o ensino no território brasileiro. Além disso, a situação pandêmica tem ocasionado enfermidades físicas, psicológicas, ansiedade, depressão e estresse. Os docentes têm enfrentado esses distúrbios, uma vez que a carga de trabalho tem aumentado juntamente com os desafios que o ensino remoto impôs de repente nas vidas desses professores.

Com o ensino remoto, muitos docentes tiveram suas cargas horárias de trabalho aumentadas. Diante disso, muitos professores têm sofrido problemas psicológicos, influenciando no seu bem-estar diário. De acordo com Saraiva, Traversini e Lockmann (2020, p.14), “um aspecto importante que nos parece necessário de discutir aqui é a compreensão de que essa escolarização em domicílio é movida por um sentimento de que não podemos perder tempo, de que não podemos parar!”.

A docência em períodos de pandemia é um ensino exausto, preocupado e ansioso. Avança em meio à incerteza e a adversidade que a situação pandêmica impõe, mesmo não sabendo aonde essa trajetória levará. Como todos os trabalhadores do mundo, os docentes seguem sem saber o que acontecerá, porém estão procurando fazer o seu melhor, mesmo sem garantias de futuro (SARAIVA; TRAVERSINI; LOCKMANN, 2020).

Percebe-se que a pandemia trouxe grandes desafios para o trabalho docente, tanto no âmbito da tecnologia, como na carga emocional dos professores. Ainda, a utilização das tecnologias no ensino remoto não é algo universal no território brasileiro. Além disso, com esse processo pandêmico, os docentes tiveram sua carga de trabalho aumentada, o que pode ter influenciado negativamente a saúde psíquica. Em meio à situação pandêmica e as situações que derivam deste momento, este trabalho está fundamentado em conhecer a nova realidade dos docentes da educação básica, procurando evidenciar como as novas atividades de ensino remoto estão impactando a vida dos professores. Desta maneira, na próxima seção serão apresentados os procedimentos operacionais e metodológicos da pesquisa para o alcance do objetivo.

# **4 MATERIAIS E MÉTODOS**

O objetivo geral deste trabalho é conhecer as percepções dos docentes acerca das suas experiências atuais de trabalho, dado o cenário da pandemia. Para isso, foram aplicados um formulário sociodemográfico (ANEXO I) e um questionário estruturado (ANEXO II) em uma escola pública estadual do município de Varginha, Minas Gerais. O Anexo I foi elaborado pela própria autora e o Anexo II foi construído com base em Oliveira e Araújo (2020); Rondini, Pedro e Duarte (2020); Oliveira e Junior (2021). Em relação ao objeto de análise, configura-se como um estudo de caso particular, pois a amostra é composta de apenas uma instituição de ensino dentre as diversas existentes no município e na região geográfica.

A população estudada é composta por todos os docentes que atuam com vínculo ativo nessa escola e a amostra obtida (aqueles que responderam aos dois questionários) foi de 51 professores. Os questionários foram enviados por e-mail para os docentes, pois devido às restrições impostas pela pandemia, não foi possível aplicação de forma presencial destes questionários.

A delimitação do objeto de estudo através de um estudo de caso particular de uma escola permite uma análise detalhada de um caso individual, de forma delimitada e contextualizada, de modo a enxergar o que ele representa dentro do todo (MARTINS, 2008). Assim, mesmo que não se tenha analisado todas as escolas de um município ou de uma região, pode-se tirar conclusões específicas sobre aquele caso que servem como parâmetro para estudos maiores e abrangentes.

A pesquisa se apresenta como sendo de abordagem quantitativa, permitindo ao mesmo tempo buscar informações sociodemográficas dos entrevistados (como por exemplo, idade, faixa etária, renda, dentre outros) e também dados sobre como a pandemia afetou o seu trabalho dado o impedimento físico de acesso ao ambiente laboral, que passou a ser sua própria casa ou a de outrem. Para coletar os dados da pesquisa, os questionários foram enviados para os professores da escola em questão através de um formulário disponível por um *link online* na ferramenta Google Forms®.

Para a análise dos dados obtidos pela aplicação dos questionários, foi utilizado o software Excel ®, de modo a permitir a geração de gráficos e tabelas que pudessem melhor demonstrar a realidade do caso estudado. Assim, na próxima seção são apresentados os resultados e as discussões pertinentes da pesquisa, de modo a entender as percepções docentes sobre seu trabalho com a chegada da pandemia no Brasil.

# **5 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Como já mencionado na seção anterior, os participantes são oriundos da cidade de Varginha-MG, sendo os mesmos docentes de uma escola pública da cidade. Assim sendo, no Gráfico 1 será demonstrado as informações sobre o sexo e raça/cor dos docentes analisados.

Gráfico 02 – Docentes por sexo e raça/cor

Fonte: Elaborada pela autora conforme os dados obtidos nos questionários.

Por meio do Gráfico 2, verifica-se que dentre os docentes da escola pública de Varginha analisada, a maioria são mulheres, sendo uma porcentagem aproximada de 71%, enquanto os homens representam aproximadamente 29%. Na primeira metade do século XX as mulheres já se tornaram maioria na formação docente (BARRETTO, 2010; SOUZA; GOUVEIA, 2011). A literatura que trata sobre o assunto elucida que os cursos de formação docente foram encarregados pela expansão da escolarização feminina em nível médios, derivado da sua representação do trabalho docente como extensão das suas atividades maternas e pela espontânea opção feminina pela educação (BRUSCHINI; AMADO, 1988; DEMARTINI; ANTUNES, 1993; CARVALHO, 1996).

Com relação as raças, percebe-se que a maioria dos docentes são brancos, representando uma porcentagem de 59%, seguindo por pardos 31% e pretos 10%. De acordo com Carvalho (2018), o estudo da distribuição de raça/cor dos professores é relevante, uma vez que leva a refletir sobre a diversidade cultural do país, o qual precisa ser pautada nas políticas educacionais do território brasileiro. Mesmo com a maioria dos docentes brancos na escola pública investigada da cidade de Varginha-MG, estudo do Dieese (2014) demonstra uma elevação na quantidade de negros no corpo docente da educação básica do país. No Gráfico 3, serão demonstrados a faixa etária dos docentes analisados.

Gráfico 3 – Docentes por faixa etária

Fonte: Elaborada pela autora conforme os dados obtidos nos questionários.

Com relação a faixa etária dos docentes, nota-se que o intervalo entre 32 a 42 anos existem uma porcentagem de 31% de professores com essas idades, seguido pela classe de 22-32 (29%); 42-52 (27%); 52-62 (8%); e 62-72 (4%). O que chama atenção nos dados sobre a idade é que a maioria dos docentes estão em uma classe mais nova, sinal de uma renovação dos docentes. Por outro lado, os mais velhos possuem uma porcentagem bem pequena na escola pública analisada.

De acordo com Carvalho (2018), a faixa etária do docente pode apontar algumas especificidades do perfil profissional. Alguns estudos como o de Polena e Gouveia (2013) e Souza e Gouveia (2011) apontam um envelhecimento dos professores. Conforme pesquisa de Polena e Gouveia (2013), o perfil do docente entre 2007 a 2011 se concentra entre o intervalo de 30 a 49 anos, com sentido ao crescimento, o que indica um envelhecimento dos docentes.

Gráfico 4 – Docentes por nível de escolaridade e as informações sobre o rendimento mensal

Fonte: Elaborada pela autora conforme os dados obtidos nos questionários.

Nota: SM = Salário Mínimo

Por meio do Gráfico 4, averígua-se que no estudo de caso da escola pública de Varginha-MG a maioria dos docentes analisados tem no mínimo o ensino superior completo (45%), sendo Licenciatura ou Bacharelado. Dentre esses professores, 31% tem mestrado completo e 4% tem doutorado. Rondini, Pedro e Duarte (2020) também identificaram em seus estudos que a maioria dos professores analisados por eles na pesquisa tem graduação completa, o que indica que nos ensinos básicos a predominância do nível de escolaridade dos docentes é o ensino superior completo.

Com relação ao rendimento mensal, percebe-se que a maioria dos docentes analisados ganha em média de 3 a 5 salários mínimos (39%) e 4 a 8 salários mínimos (41%). Mas há de se destacar que dentre os professores averiguados, 2% deles ganha apenas uma renda média de 0 a 1 salário mínimo. O trabalho docente tem aturado grandes processos de precarização e intensificação que tem o rendimento mensal uma das suas características mais relevantes (SAMPAIO; MARIN, 2004; BARBOSA, 2011). A profissão do docente de ensino básico é uma das mais desvalorizadas no território brasileiro, os ganhos são mínimos para muito trabalho, assim refletir sobre essas questões é importante para seguir um caminho de valorização para essa profissão tão digna.

Gráfico 5 – Docentes por etapa de ensino

Fonte: Elaborada pela autora conforme os dados obtidos nos questionários.

O Gráfico 5 demonstra a quantidade de professores para cada etapa de ensino. Deste modo, nota-se que a maioria dos docentes se concentra no ensino médio (49%) e no ensino fundamental (anos finais; 31%). Essa concentração de docentes nestes respectivos ensinos se deve ao motivo de que é uma escola estadual e que a oferta dos primeiros anos de ensino fundamental tem sido transferida nos últimos anos para as escolas municipais.

O ensino infantil é a etapa de ensino onde se concentra o menor número de docentes, sendo apenas 6% de professores. De acordo com Carvalho (2018), o número total de docentes da educação básica no território brasileiro vem crescendo ao longo dos anos, obtendo uma variação percentual de 11,9% entre o período de 2009 e 2017, sendo que esta elevação mais acentuada na educação infantil (47,7%) e no ensino médio (10,8%). Analisar o perfil dos professores é relevante para entender a realidade desses indivíduos e quanto isso pode colaborar para a construção de políticas educacionais.

Gráfico 6 – Situação do Domicílio e Censitária dos docentes

Fonte: Elaborada pela autora conforme os dados obtidos nos questionários.

Com referência a situação de domicílio e censitária dos docentes, verifica-se que a maioria tem uma casa própria (84%) e estão situados na zona urbana (94%). Além disso, 65% dos docentes analisados não possuíam um local físico que poderia considerar como um escritório. Apenas 35% dos professores tinham um local que poderia servir de escritório durante as aulas online no período da pandemia.

A partir de agora analisa-se as respostas obtidas no segundo questionário aplicado, sendo este o de caráter mais específico e com intuito de entender de que forma a pandemia impactou no trabalho dos docentes em análise durante a pandemia.

O primeiro resultado que se obtém é demonstrado na tabela 1. A maior parte dos docentes que responderam à pesquisa possui menos de dois anos de profissão. Em seguida, temos a mesma porcentagem de docentes que afirmavam estar entre dois e dez anos de profissão. Do total de respondentes, portanto, temos que 88% tem menos de dez anos de experiência como docente naquela instituição de ensino.

Tabela 1 – Tempo de profissão dos docentes respondentes da pesquisa

|  |  |
| --- | --- |
| Tempo de profissão | Porcentagem de docentes |
| Menos que 2 anos | 37,7% |
| Mais de 20 anos | 6,5% |
| De 5 a 10 anos | 25% |
| De 2 a 5 anos | 25% |
| De 10 a 15 anos | 6,5% |

Fonte: Elaborada pela autora conforme os dados obtidos nos questionários.

Em relação a modalidade de ensino dos docentes, observa-se que a maior parte dos mesmos atua no ensino médio. Em seguida, aparecem os docentes dos anos finais do ensino fundamental, seguido pelos docentes dos anos iniciais. A menor parte dos docentes atua lecionando no ensino infantil. A tabela 02 apresenta essas informações.

Tabela 2 – Modalidade de ensino dos docentes respondentes da pesquisa.

|  |  |
| --- | --- |
| Modalidade de Ensino | Quantidade de docentes |
| Educação Infantil | 6,5% |
| Ensino Fundamental (Anos Finais da Educação Fundamental) | 31% |
| Ensino Fundamental (Anos Iniciais da Educação Fundamental) | 13,5% |
| Ensino Médio | 49% |

Fonte: Elaborada pela autora conforme os dados obtidos nos questionários.

Em relação aos recursos utilizados para o dia a dia da profissão docente, que incluem os métodos de ensino, o aprendizado do discente e suas formas de avaliação, apresenta-se que todos os docentes utilizaram de ferramentas digitais para interação com os alunos. Seja através de aulas ao vivo – com posterior disponibilização da gravação para os discentes – ou por ferramentas de interação síncrona ou assíncrona, os docentes tiveram que adaptar a realização das aulas utilizando telas.

Isso requer dizer que as ferramentas digitais foram muito importantes ao longo da pandemia, pois permitiram a interação docente-aluno no processo de ensino e aprendizagem que antes era feito de forma presencial. Porém, quando se pergunta se os docentes tiveram algum tipo de treinamento da escola em que estavam vinculados, percebe-se pouco mais de 45% deles não obtiveram esse tipo de treinamento, ou seja, tiveram que se adaptar e aprender por conta própria a utilizar os softwares e hardwares necessários para realização das aulas ao vivo, para edição e gravação das aulas e até mesmo de algum outro recurso necessário para construir essa relação digital com seus alunos.

Tabela 3 – Percepção do ensino remoto no cenário da pandemia

|  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- |
| Resposta / Pergunta | Como você avalia a sua experiência de atuar no ensino remoto por meio de plataformas e/ou ferramentas digitais de ensino (marque apenas uma questão). | Como você considera que está sendo o aprendizado dos alunos nesse contexto pandêmico? | Como você considera as estratégias adotadas pela instituição a respeito do ensino remoto? |
| Excelente | 8% | 0% | 12% |
| Muito Bom | 31% | 18% | 31% |
| Regular | 49% | 41% | 37% |
| Ruim | 4% | 23% | 12% |
| Muito Ruim | 8% | 18% | 8% |
| Total | 100% | 100% | 100% |

Fonte: Elaborada pela autora conforme os dados obtidos nos questionários.

A tabela 3 apresenta o perfil de respostas dos docentes quanto a percepção do ensino remoto no cenário da pandemia. A primeira pergunta, que tem o intuito de visualizar de forma geral como os docentes avaliam a experiência de exercer sua profissão através do ensino remoto apresenta alguns aspectos importantes. Metade dos respondentes afirma que a experiência não é boa, nem ruim, sendo apenas ‘regular’, ou seja, um meio-termo. Apenas 8% dos docentes consideram a experiência de atuar no ensino remoto como excelente, assim como outros 8% docentes consideram como muito ruim essa experiência.

Do mesmo modo, quando questionado como os docentes avaliam a situação do aprendizado do aluno a partir das aulas remotas, nenhum deles considera que está sendo excelente e apenas 18% dos professores consideram o aprendizado como muito bom. Salienta-se que 41% de docentes avalia o aprendizado nos tempos de pandemia como regular, outros 23% como ‘ruim’ e 18% como “muito ruim’. Isso é um indicativo de que os próprios professores sentem que os alunos são prejudicados em sua aprendizagem, apesar dos esforços feitos para o ensino remoto.

Por fim, a última pergunta da tabela 3 aponta que a maior parte dos respondentes considera que as estratégias adotadas pela instituição de ensino ao qual estão vinculados é muito boa ou regular. Apenas 19% deles acreditam que as estratégias utilizadas pela instituição de ensino são ruins ou muito ruins, dadas as opções do questionário. Ressalta-se que aqui pretende-se entender como os professores avaliam as estratégias da instituição de ensino.

Também foi questionado aos respondentes se eles tinham a percepção de que a sua carga de trabalho aumentou, dado o início das atividades de ensino de forma remota. O resultado é que 94% (ou 48 dos 51 docentes) consideram que a carga de trabalho sofreu aumento. Tal constatação pode ter uma explicação de fácil entendimento. Os professores, muito antes da pandemia, já possuíam uma carga de trabalho elevada, muito pelo fato de atividades extracurriculares e pela precariedade do ensino público (ASSUNÇÃO; OLIVEIRA, 2009). Com a pandemia, além de terem que se capacitar com ferramentas digitais, ministrar aulas ao vivo e corrigir atividades enviadas remotamente, os docentes tiveram que readequar o seu método de ensino.

Seguindo a mesma lógica de análise, foi questionado se os docentes estavam conseguindo conciliar as atividades remotas inerentes da profissão com a vida pessoal domiciliar. O Gráfico 7 exibe que quase metade dos respondentes afirma concordar em partes que estão conseguindo realizar essa conciliação. Porém, pouco mais de 35% (18 respondentes) afirma discordar em partes, ou seja, possuem algum tipo de dificuldade em adaptar à nova rotina de trabalho com a vida pessoal em domicílio.

Gráfico 7 – Percepção dos docentes quanto a conciliação do trabalho remoto e a vida pessoal domiciliar\*

Fonte: Elaborada pela autora conforme os dados obtidos nos questionários.

\* Pergunta:Você tem conseguido conciliar as atividades remotas com a sua vida pessoal domiciliar?

Ao serem questionados se perceberam aumento nas contas fixas dentro de casa (como internet, água, energia elétrica e outros), 47 dos 51 respondentes afirmaram que os valores dessas contas aumentaram. Com a permanência por mais tempo dos docentes e demais membros familiares dentro de casa o resultado não poderia ser outro. Porém, salienta-se que os salários deles não sofreram reajuste, dado o congelamento dos salários estaduais e federais na pandemia. Assim, estão tendo que arcar com gastos maiores, além da carga de trabalho, que também aumentou, segundo a própria percepção deles.

Outra pergunta feita aos docentes foi qual a avaliação geral que eles consideram que o ensino remoto trouxe na atuação como docente. A maior parcela das respostas considerou que as transformações foram parcialmente positivas, pois mesmo que a pandemia tenha trago novas experiências e novos aprendizados, mesmo assim acarretaram certa perda pela ausência da interação professor x aluno em sala de aula.

Em relação ao processo de adaptação dos discentes com as novas formas de ensino, 18 dos 51 respondentes avaliam que a adaptação dos alunos ficou muito abaixo do esperado, devido às dificuldades enfrentadas. Por mais que a nova geração viva atrelada a constantes mudanças tecnológicas, a falta de um espaço calmo dentro de casa para estudos, a falta de um dispositivo para acessar as aulas *on-line* e enviar as tarefas necessárias, até mesmo a falta de uma conexão estável à internet são exemplos de fatores que influenciam no aprendizado do aluno, prejudicando-o na sua formação acadêmica.

Quando perguntados sobre sua percepção sobre se a sociedade está dando mais importância a atuação dos professores, visto que os filhos agora estão dentro de casa e, durante grande parte da pandemia, creches e escolas ficaram fechados, 54 % dos respondentes consideram que agora o papel do professor como educador está sendo mais valorizado. Porém, 46% julgam não acreditar que o trabalho docente tenha obtido maior valorização social, dado o cenário da pandemia.

Em relação ao retorno das atividades presenciais, apresenta que 20 dos 51 respondentes possui algum tipo de receio de contrair o vírus e infectar entes queridos que possuem algum tipo de comorbidade. Estudos como o de Arruda (2020), apresentam que as escolas são locais onde a transmissão do COVID-19 pode acontecer de forma mais intensificada, dado o contato entre pessoas de diferentes famílias em espaços fechados, como as salas de aula. Isso explica também o fato de 19 respondentes afirmarem que tem medo de contrair a doença e ela se agravar. Apenas 12 dos 51 respondentes afirmam não ter receio de retomar as atividades presenciais, talvez pelo fato de que os professores pertenceram aos grupos prioritários que tomaram a vacina com alguma antecedência perante o restante da população.

Os professores estiveram dentro do grupo de pessoas que mais são contra ao retorno das atividades presenciais sem a devida segurança, com ampla vacinação da população e condições que impeçam novo colapso da saúde pública. Ao mesmo tempo, outros setores da sociedade, que sofrem com restrições sociais, pedem a ampla liberação das atividades presenciais e o afrouxamento das restrições impostas pelas autoridades devido à pandemia. Foi questionado aos respondentes se eles perceberam alguma crítica à classe docente nas redes sociais/internet por defenderem um retorno seguro e cauteloso às atividades presenciais. 7% dos mesmos afirmaram ter recebido críticas diretas, por defenderem abertamente maior rigor ao retorno das atividades presenciais. Enquanto isso, outros 45% afirmaram ter visualizado críticas direcionadas aos docentes nesse sentido.

Além de causar transtornos econômicos e sociais, a pandemia também foi a causa de problemas psicológicos em muitos indivíduos. Na classe docente, não foi diferente. 19,6% dos respondentes afirmaram ter que recorrer a apoio psicológico profissional em algum momento da pandemia. Ou seja, quase um de cada cinco professores precisou de ajuda profissional devido a transtornos causados pela pandemia. Desse número, 37% conseguiu encontrar apoio profissional dentro da própria instituição de ensino em que estavam vinculados, enquanto os outros 63% teve que recorrer a outras formas de auxílio.

Por fim, houve um espaço para que os professores participantes da pesquisa pudessem comentar livremente sobre algum outro assunto que não foi abordado dentre as outras perguntas do questionário. Ressalta-se que, entre as respostas obtidas, os professores mencionam a necessidade de capacitação docente para o ensino remoto; além disso, afirma que a falta de ação do estado em fornecer equipamentos e internet para os alunos, principalmente para aqueles de baixa renda, pode ter prejudicado e muito sua formação. Um dos respondentes afirmou que percebeu que os alunos que apresentaram dificuldades de aprendizado no ensino remoto foram os mesmos que tinham problemas de desempenho no retorno das atividades híbridas.

Portanto, os resultados da pesquisa indicam que os docentes perceberam muitas dificuldades com a adoção do ensino remoto. A baixa participação dos alunos nas atividades virtuais e nas aulas on-line, somadas a falta de recursos para acessá-las; os problemas inerentes ao ensino-aprendizagem dada a distância entre o professor e o aluno; as limitações de práticas pedagógicas por falta de capacitação ou de recursos para o ensino virtual e o combate desorganizado à propagação do vírus no Brasil, que é resultado de má gestão das autoridades e falta de conscientização da população trazem sequelas que podem ser duradouras para a atual geração de estudantes. Os efeitos negativos na formação dos alunos só poderão ser efetivamente mensurados nos próximos anos; porém, já é consenso de que a pandemia afetou a formação de muitos estudantes no Brasil.

# **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O trabalho do professor simboliza um meio relevante para a evolução de todas as pessoas que estão introduzidas no corpo social. Esta função além de auxiliar o progresso dos alunos, também colabora para a população como um todo, visto que ao ensinar e propagar o conhecimento, os docentes contribuem para o processo de desenvolvimento dos indivíduos e do próprio país.

Diante da situação da pandemia do Covid-19, o trabalho docente se tornou ainda mais importante, mas também mostrou com mais intensidade os problemas desse trabalho existente no território brasileiro. Nesse sentido, as escolas precisaram elaborar alternativas para o ensino remoto e muitos dessas escolas não tinham planejamento para a realização desse ensino. Ademais, os profissionais da educação não estavam totalmente preparados para enfrentar os desafios e problemas que essa situação traria.

Para entender os desafios enfrentados pelos docentes nesse cenário da pandemia, o trabalho teve objetivo de conhecer as percepções dos docentes acerca das suas experiências atuais de trabalho. Desta maneira, foram aplicados um formulário sociodemográfico e um questionário estruturado em uma escola pública da cidade de Varginha-MG e teve-se como participantes 51 docentes.

Os resultados apontam a falta de capacitação dos docentes para o ensino remoto, a percepção destes de que os alunos, muitas vezes, não possuem condições técnicas para aprender de forma virtual e também a falha do Estado em prover os recursos necessários para que gargalos de aprendizagem fossem minimizados, mesmo com a pandemia. Trabalhos futuros podem identificar com mais precisão qual o prejuízo para a educação brasileira e para a geração atual causado pelas ações governamentais no cenário da pandemia. Ressalta-se a importância da educação, mesmo em um momento turbulento para a história da sociedade recente.

# **REFERÊNCIAS**

ANDRÉ, Marli. Políticas de valorização do trabalho docente no Brasil: algumas questões. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 23, n. 86, p. 213-230, 2015.

ARRUDA, Eucidio Pimenta. Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. **EmRede-Revista de Educação a Distância**, v. 7, n. 1, p. 257-275, 2020.

ARAUJO, Ricardo Souza; DILLIGENTI, Marcos Pereira. A retomada da ortodoxia neoliberal: o austericídio dos direitos sociais no brasil. **Anais do Encontro Internacional e Nacional de Política Social**, 2019.

ASSUNÇÃO, Ada Ávila; OLIVEIRA, Dalila Andrade. Intensificação do trabalho e saúde dos professores. **Educação & Sociedade**, v. 30, p. 349-372, 2009.

BARBOSA, Andreza. **Os salários dos professores brasileiros:** implicações para o trabalho docente. 2011. Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara, SP, 2011.

BARRETTO, Elba Siqueira de Sá. Trabalho docente e modelos de formação: velhos e novos embates e representações. **Cadernos de Pesquisa**, v. 40, p. 427-443, 2010.

BARRETO, A. C. F.; ROCHA, D. N. COVID 19 e Educação: Resistências, Desafios e (Im)Possibilidades**. Revista ENCANTAR** – Educação, Cultura e Sociedade. Bom Jesus da Lapa, v. 2, p. 1-11, 2020.

BEZERRA, Narjara Peixoto Xavier; VELOSO, Antonia Pereira; RIBEIRO, Emerson. Ressignificando a prática docente: experiências em tempos de pandemia. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades-Rev. Pemo**, v. 3, n. 2, p. 323917-323917, 2021.

BOZKURT, Aras; SHARMA, Ramesh C. Emergency remote teaching in a time of global crisis due to CoronaVirus pandemic. **Asian Journal of Distance Education**, v. 15, n. 1, p. i-vi, 2020.

BRASIL. Decreto n. 6.755, de 29 de janeiro de 2009. Institui a Política Nacional de Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica. Brasília, DF: D.O.U, 2009. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil\_03/\_Ato2007-2010/2009/Decreto/D6755.htm>. Acesso em: 20 mai. 2021.

BRUSCHINI, C.; AMADO, T. Estudos sobre a mulher: algumas questões sobre o magistério. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.64, p.4-13, fev.1988.

CARVALHO, M. P. Trabalho docente e relações de gênero: algumas indagações. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n.2, p.77-84, maio/ago.1996.

CARVALHO, Maria Regina Viveiros. Perfil do professor da educação básica. **Relatos de Pesquisa**, n. 41, p. 68-68, 2018.

DEMARTINI, Z.; ANTUNES, F. Magistério primário: profissão feminina, carreira masculina. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.86, p.5-14, ago.1993.

DIEESE DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS (DIEESE). **Nota técnica nº 141 de outubro de 2014***:* Transformações recentes no perfil do docente das escolas estaduais e municipais de educação básica. São Paulo, 2014a. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/notatecnica/2014/ notaTec141DocentesPnadvf.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2021.

DURAN, Marília Claret Geraes. Profissão docente: desafios de uma identidade em crise. **Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores**, v. 2, n. 2, p. 46-53, 2010.

ENS, Romilda Teodora; GISI, Maria Lourdes; EYNG, Ana Maria. Formação de professores: possibilidades e desafios do trabalho docente na contemporaneidade. **Revista Diálogo Educacional**, v. 11, n. 33, p. 309-329, 2011.

EVANGELISTA, Olinda. Políticas públicas educacionais contemporâneas, formação docente e impactos na escola. **Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino ENDIPE**, v. 16, p. 39-51, 2012.

GASPARINI, S. M.; BARRETO, S.; ASSUNÇÃO, A. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 189-199, 2005.

GOMES, Luciana; BRITO, Jussara. Desafios e possibilidades ao trabalho docente e à sua relação com a saúde**. Estudos e pesquisas em psicologia**, v. 6, n. 1, p. 49-62, 2006.

GONÇALVES, Arlete Marinho; SILVEIRA, Andrea Pereira; KIMURA, Patrícia Rodrigues de Oliveira. O trabalho docente: os objetivos e o papel nas representações sociais dos professores. In: XII Congresso Nacional de Educação, 2015, Paraná. **Anais [...]**. Paraná, PR, 2015.

HERNÁNDEZ, X. **Análisis del burnout y engagement en docentes: un estudio de diario.** Tese (Doutorado) – Universidad Complutense de Madrid, Espanha, 2018.

HODGES, Charles et al. The difference between emergency remote teaching and online learning. **Educause review**, v. 27, p. 1-12, 2020.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação permanente do professorado: novas tendências**. São Paulo: Cortez, 2009.

LEITE, Werlayne Stuart Soares; RIBEIRO, Carlos Augusto do Nascimento. A inclusão das TICs na educação brasileira: problemas e desafios. **Magis. Revista Internacional de Investigación en Educación**, v. 5, n. 10, p. 173-187, 2012.

LÓPEZ, I.; LÓPEZ, E.; MARTÍNEZ, J.; TOBÓN, S. Gestión Directiva: Aproximaciones a un Modelo para su organización institucional en la educación media superior en México. **Revista Espacio**, v. 39, n. 29, 2018.

MARTINS, R. X. A COVID- 19 e o fim da Educação a Distância: um ensaio. **Revista de Educação a Distância**, v. 7, n. 1, p. 242-256, 2020.

MELO, I.V. **As consequências da pandemia (COVID-19) na rede municipal de ensino: impactos e desafios.** 2020. 24 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialista em Docência no Ensino Superior) – Câmpus Ipameri, Instituto Federal Goiano, Ipameri, 2020.

MOURA, Juliana et al. A precarização do trabalho docente e o adoecimento mental no contexto neoliberal. **Revista Profissão Docente**, v. 19, n. 40, p. 01-17, 2019.

NORONHA, M.M.B. **Condições do exercício profissional da professora e os seus possíveis efeitos sobre a saúde: estudo de casos das professoras do ensino fundamental em uma escola pública de Montes Claros, Minas Gerais. 2001**. Dissertação (mestrado) Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública. Universidade Federal de Minas Gerais/Universidade de Montes Claros, Belo Horizonte/Montes Claros.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. A reestruturação do trabalho docente: precarização e flexibilização. **Educação & Sociedade [online]**. 2004, v. 25, n. 89 [Acessado em 15 Maio 2021], pp. 1127-1144. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302004000400003>.

OLIVEIRA, Dalila Andrade; JUNIOR, Edmilson Antonio Pereira. Trabalho docente em tempos de pandemia: mais um retrato da desigualdade educacional brasileira. **Retratos da Escola**, v. 14, n. 30, p. 719-734, 2020.

PALACIOS, M.; MONTES DE OCA, V. Condiciones de trabajo y estrés en académicos universitarios. **Cienc Trab.**, Santiago (Chile), v. 19, n. 58 abr. 2017.

PENTEADO, Regina Zanella; SOUZA NETO, Samuel de. Mal-estar, sofrimento e adoecimento do professor: de narrativas do trabalho e da cultura docente à docência como profissão. **Saúde e sociedade**, v. 28, p. 135-153, 2019.

POCHMANN, Marcio. Velhos e novos problemas do mercado de trabalho no Brasil. **Indicadores Econômicos FEE**, v. 26, n. 2, p. 119-139, 1998.

POLENA, A.; GOUVEIA, A. B. Perfil do professor: análise de série histórica. In: SIMPÓSIO

BRASILEIRO DE POLÍTICA E ADMINISTRAÇÃO DA EDUCAÇÃO, 26., Recife, 2013. **Anais...,**ANPAE, Recife, 2013.

ROJAS, Oscar; MARTÍNEZ, Marlenis; RIFFO, Rocío. Gestão diretiva e estresse laboral do profissional docente: um olhar a partir da pandemia COVID-19. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, p. 1226-1241, 2020.

RONDINI, Carina Alexandra; PEDRO, Ketilin Mayra; DUARTE, Cláudia dos Santos. Pandemia do Covid-19 e o ensino remoto emergencial: Mudanças na práxis docente. **Interfaces Científicas-Educação**, v. 10, n. 1, p. 41-57, 2020.

SAMPAIO, Maria M. F.; MARIN, Alda J. Precarização do trabalho docente e seus efeitos sobre as práticas curriculares. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 89, p. 1145- 1157, set./dez. 2004.

SARAIVA, Karla; TRAVERSINI, Clarice Salete; LOCKMANN, Kamila. A educação em tempos de COVID-19: ensino remoto e exaustão docente. **Práxis educativa. Ponta Grossa, PR. Vol. 15 (2020), e2016289, p. 1-24**, 2020.

SILVA, Amanda Moreira. A uberização do trabalho docente no Brasil: uma tendência de precarização no século XXI. **Revista Trabalho Necessário**, v. 17, n. 34, p. 229-251, 2019.

SOUZA, A. R.; GOUVEIA, A. Os trabalhadores docentes da educação básica no Brasil em

uma leitura possível das políticas educacionais. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, v. 19, n. 35, dez. 2011.

VIDAL, V. **Estudio del estrés laboral en las pymes en la provincia de Zaragoza**. 2018. Tese (Doutorado) – Universidad de Zaragoza, Espanha, 2018.

**ANEXOS**

**ANEXO I - FORMULÁRIO DE INFORMAÇÕES SOCIODEMOGRÁFICAS**

**1. Sexo:**

1. Masculino
2. Feminino

**2. Idade:** \_\_\_\_\_\_\_ anos

**3. Estado Civil.** (marque apenas uma opção)

1. Solteiro □
2. Casado □
3. Divorciado □
4. Viúvo □
5. Outro □

**3. Qual a sua cor/raça autodeclarada?** (marque apenas uma opção)

1. Branca □
2. Preta □
3. Amarela □
4. Parda □
5. Indígena □

**4. Escolaridade** (escolha o maior nível dentre as opções):

1. Analfabeto □
2. Ensino Fundamental □
3. Ensino Médio □
4. Ensino Superior (Licenciatura/Bacharelado) □
5. Pós Graduação (Mestrado) □
6. Pós Graduação (Doutorado) □

**5. Renda familiar** (marque apenas uma opção)

1. de 0 a 1 salário mínimo □

2. de 1 a 2 salários mínimos □

3. de 3 a 5 salários mínimos □

4. de 4 a 8 salários mínimos □

5. acima de 8 salários mínimos □

**6. Possui filhos?**

1. Sim. Quantos? \_\_\_\_\_\_
2. Não

**7. A casa na qual você mora é?** (marque apenas uma opção)

1. Própria □

2. Alugada □

3. Cedida □

**8. Sua casa está localizada em uma?** (marque apenas uma opção)

1. Zona urbana □

2. Zona rural □

3. Comunidade indígena □

4. Comunidade quilombola □

**7. Seu domicílio possui internet residencial?** ( ) Sim ( ) Não. Caso sim, de qual tipo?

1. Fibra Ótica □

2. Internet via rádio □

3. Internet via satélite □

4. Internet Móvel □

**8. Você possui computador de mesa ou portátil (*notebook*)?**

1. Sim
2. Não

**9. Antes da pandemia, possuía um local físico em sua residência que você poderia considerar como um escritório?**

1. Sim
2. Não

**ANEXO II – CARACTERÍSTICAS DA ATUAÇÃO DOCENTE NO CENÁRIO DA PANDEMIA**

**1. Tempo de atuação na instituição em que trabalha (marque apenas uma questão)**

1. Menos que 2 anos
2. De 2 a 5 anos
3. De 5 a 10 anos
4. De 10 a 15 anos
5. De 15 a 20 anos
6. Mais de 20 anos

**2. Qual a sua modalidade de atuação na educação básica? (marque apenas uma questão)**

1. Educação Infantil
2. Ensino Fundamental (Anos Iniciais da Educação Fundamental)
3. Ensino Fundamental (Anos Finais da Educação Fundamental)
4. Ensino Médio

**3. Estratégias de ensino remoto adotado durante essa pandemia? (marque quantas alternativas identificar como relativas ao seu trabalho)**

1. Aulas através de ferramentas de web conferência ao vivo
2. Aulas gravadas e disponibilizadas posteriormente aos discentes
3. Atividades remotas síncronas (bate papo, exposição e discussão de conteúdo, dentre outras)
4. Atividades remotas assíncronas (fóruns de discussão, atividades com envio posterior de materiais elaborados pelos discentes, dentre outras)
5. As aulas na instituição em que trabalho não foram interrompidas e continuaram de forma presencial.

**4. Como você avalia a sua experiência de atuar no ensino remoto por meio de plataformas e/ou ferramentas digitais de ensino (marque apenas uma questão).**

1. Excelente
2. Muito bom
3. Bom
4. Muito ruim
5. Ruim

**5. Sua instituição de ensino ofereceu alguma formação para sua ambientação no ensino virtual remoto?**

1. Sim
2. Não

**6. Como você considera as estratégias adotadas pela instituição a respeito do ensino remoto?**

1. Excelente
2. Muito bom
3. Bom
4. Ruim
5. Muito Ruim

**7. Como você considera que está sendo o aprendizado dos alunos nesse contexto pandêmico?**

1. Excelente
2. Muito bom
3. Regular
4. Ruim
5. Muito Ruim

**8. Você tem conseguido conciliar as atividades remotas com a sua vida pessoal domiciliar?**

1. Discordo Totalmente
2. Discordo Parcialmente
3. Indiferente, pois não senti tantas mudanças com o ensino remoto
4. Concordo Parcialmente
5. Concordo Totalmente

**9. Você considera que sua carga horária de trabalho no ensino remoto aumentou com relação ao ensino presencial realizado antes da pandemia?**

1. Sim
2. Não

**10. Você identificou aumento dos gastos com contas fixas (água, luz, internet e gás) após o início da pandemia e as atividades em caráter home-office?**

1. Sim
2. Não

**11. Você avalia que as transformações que o ensino remoto trouxe à sua atuação como professor foram:**

* + - 1. Positivas, pois possibilitaram novas formas de aprendizado para professor e alunos.
      2. Parcialmente positivas, pois embora tenham permitido novos aprendizados, acarretaram certa perda pela ausência de interação em sala de aula.
      3. Nem positivas e nem negativas, pois apenas atenderam a uma exigência para a continuidade dos estudos.
      4. Parcialmente negativas, pois a continuidade dos estudos se deu com algumas perdas na qualidade do desempenho.
      5. Negativas, pois acarretaram perdas muito grandes ao processo educativo.

**12. No que se refere à adaptação dos alunos a esta forma de ensino, você avalia que:**

1. Foi melhor do que o esperado

2. Transcorreu conforme o esperado

3. Pouco atendeu ao que seria esperado.

4. Ficou muito abaixo do esperado, devido às dificuldades enfrentadas.

5. Quase não foi possível, devido às dificuldades encontradas.

**13. Você considera que a sociedade está dando mais importância ao papel do professor, dados os esforços realizados para atuar de forma remota?**

1. Sim

2. Não

**14. Você tem receio de retornar as atividades presenciais sem que toda a comunidade acadêmica do seu local de trabalho esteja devidamente vacinada?**

1. Sim, tenho medo, pois convivo com pessoas com comorbidadades.

2. Sim, pois tenho medo de contrair a doença e ela se agravar.

3. Não, sou indiferente.

**15. Você já foi criticado ou visualizou ofensas nas redes sociais/internet por não apoiar o retorno das atividades presenciais devido ao panorama de vacinação no Brasil?**

1. Sim, já fui criticado.

2. Sim, já visualizei esse tipo de coisa na internet.

3. Não, não recebi ou visualizei ofensas desse tipo.

**16. Quais as principais dificuldades ou limitações no seu cotidiano de trabalho, dada a adoção do ensino emergencial remoto? (marque mais de uma opção, se necessário)**

1. Tive dificuldades de me adaptar ao ensino emergencial remoto por limitações tecnológicas.

2. Considero que meus alunos tiveram seu aprendizado dificultado pelo ensino emergencial remoto.

3. Não acredito que há a possibilidade de aprendizado para jovens e adolescentes através do ensino emergencial remoto.

4. Meu ambiente de trabalho (domiciliar) prejudicou minhas atividades profissionais, dado o ensino emergencial remoto.

5. Não senti dificuldades ou limitações no meu cotidiano de trabalho, dado o ensino emergencial remoto.

**17. Sua instituição de ensino lhe repassou algum recurso para os custos com o ensino emergencial remoto (lembrando que o trabalho em domicilio significa aumento dos custos com infraestrutura, como gastos com internet e eletricidade e ainda aquisição de equipamentos e mobiliário para o trabalho em casa)?**

1. Sim, recebi apoio em forma de recursos monetários para compra de equipamentos, mobiliários e/ou serviços de provedores de internet.

2. Sim, recebi equipamentos para utilização no meu trabalho em casa.

3. Não, não recebi qualquer tipo de ajuda para o ensino emergencial remoto da instituição em que trabalho.

**18. Você conseguiu perceber alguma vantagem em sua profissão dado o ensino emergencial remoto?**

1. Sim, percebi muitas **vantagens** com o ensino emergencial remoto.

2. Sim, percebi algumas **vantagens** com o ensino emergencial remoto.

3. Acredito que não houve vantagens e nem desvantagem com a nova forma de ensino.

4. Não, o que percebi foram algumas **desvantagens** nessa forma de ensino.

5. Não, o que percebi foram muitas **desvantagens** nessa forma de ensino.

**19. Você necessitou de apoio psicológico profissional em algum momento da pandemia?**

1. Sim.

2. Não.

**20. Caso tenha respondido afirmativamente à questão anterior, você:**

1. Conseguiu encontrar ajuda dentro da sua instituição de ensino

2. Teve que recorrer a outras formas de auxílio?

**20. Este espaço é para mencionar algum outro aspecto que não foi abordado neste questionário, sinta-se à vontade para falar sobre qualquer assunto/tema que abranja as mudanças na educação dada a pandemia do COVID-19.**